Dia 12 — Santa Clara, Virgem

Santa Clara, tão célebre em toda a Igreja por sua eminente santidade e pelo prodigioso número de santas filhas que a reconhecem por sua digna mãe, foi da cidade de Assis, na Úmbria, pátria do glorioso pai São Francisco. Nasceu no ano de 1193, e foi seu pai Favarone Scifi, em quem se conservava toda a varonia das duas ilustres casas dos Scifi e dos Offreduccio, ambas das mais nobres, das mais distintas do país, não só por seus opulentos bens, mas pelos elevados cargos que seus gloriosos progenitores haviam obtido na milícia, comandando os exércitos com tanta honra como reputação. Sua mãe chamava-se Hortolana, ainda mais respeitada por seu nobre nascimento, sendo tanta a sua devoção que empreendeu as peregrinações ao santo sepulcro em Jerusalém, a São Miguel no monte Gargano e a São Pedro em Roma. Assegura-se por certo que, durante sua gravidez, encomendando a Deus o fruto que trazia no ventre, ouviu uma voz que lhe disse que daria à luz uma tocha que iluminaria toda a terra; e que, em atenção a este vaticínio, pôs a sua filha o nome de Clara.

Verificou-o depressa o tempo; porque, prevenida Clara pela graça de Jesus Cristo desde o próprio berço, deu a conhecer pelo que já era o que com o tempo havia de ser. Não houve menina que menos o parecesse. Antecipou-se a devoção à idade e ao conhecimento; seus entretenimentos e seus brinquedos eram a oração; sempre se achava de joelhos em seu quarto; e, à falta de rosário, ia contando por um montão de pedrinhas os Pais-nossos e as Ave-Marias que rezava. Desde que nasceu, professou terna devoção à Rainha das virgens e, por conseguinte, extremo amor à pureza. Este foi em parte seu caráter. A caridade que tinha com os pobres a empenhava muitas vezes, apesar de seus poucos anos, em alguns excessos, reservando sempre a maior parte do que lhe davam para repartir entre os necessitados.

Crescia sua virtude com a idade; e sua aversão a tudo o que soava a mundo crescia com sua virtude. Nunca foram de seu gosto as galas, os jogos nem as diversões do mundo; toda a sua inclinação era para o retiro. Mas, obrigada a vestir-se como as outras damas de sua qualidade, as joias e os adornos mulheris eram para ela um verdadeiro tormento, conhecendo-se desde logo quanto isto a mortificava. Era muito celebrada por sua formosura, mas muito mais por sua modéstia. Propunham-na a si mesmas por modelo as religiosas mais regradas, e as pessoas do mundo a respeitavam por um prodígio de virtude. Continuamente levava um áspero cilício debaixo de seus ricos vestidos e, embora a sua virtuosa mãe desse muito gosto vê-la tão devota, com tudo isso queixava-se perpetuamente dos excessos de sua mortificação. E na verdade Clara só pensava em macerar seu corpo numa idade que só inspira a delicadeza e o regalo. Suas delícias eram jejuar, orar e entregar-se às mais rigorosas penitências. Experimentou sua virtude certo novo e visível aumento ao ouvir referir a admirável vida que fazia São Francisco em seu conventozinho da Porciúncula. Determinou vê-lo e comunicar com ele os meios de que se poderia valer para

consagrar-se a Deus com uma vida mais perfeita.

Já o servo de Deus tinha muitas notícias de nossa santa pela fama de sua eminente santidade. Foi Clara em busca dele, acompanhada de outra donzela virtuosa de toda a sua confiança; e, enamorada da humildade, da doçura e da virtude do santo, comunicou-lhe seus desejos de iniciar uma vida de maior perfeição. Já havia Deus revelado a São Francisco os altos fins a que tinha destinado aquela grande alma; e assim descobriu muito depressa aquele inestimável fundo de pureza, aquele amor de Deus e aquele desapego de todas as coisas da terra, que admirava o próprio céu, com que o Senhor a havia enriquecido para sua maior glória. Confirmou-a na resolução de consagrar com voto sua virgindade a Jesus Cristo e de abandonar tudo por seu amor, declarando-lhe que o Senhor a chamava à mais elevada perfeição, por um caminho inteiramente parecido ao que lhe havia assinalado a ele.

Antes de tomar a santa algum partido, voltava de quando em quando à Porciúncula a tratar com o seráfico pai; e este foi pouco a pouco lhe comunicando seu espírito, inspirando-lhe o pensamento de fazer para as pessoas de seu sexo o mesmo que ele já havia começado em benefício dos homens. Dispuseram o plano entre os dois durante a quaresma do ano de 1212; e escolheram o dia 18 de março, que era domingo de Ramos, para a execução de tão gloriosa empresa. Neste dia deixou-se ver a santa na catedral, adornada com as mais preciosas galas que tinha, como se fosse cumprir o preceito da Igreja. Acudiram todos os demais a receber os ramos, e só Clara se manteve em seu lugar por modéstia. Desceu então o bispo do altar e, encaminhando-se aonde estava a santa, entregou-lhe uma palma, como presságio da gloriosa vitória que aquele dia havia de conseguir do mundo. À tarde passou à igreja de Nossa Senhora dos Anjos, chamada a Porciúncula. Recebeu-a São Francisco, acompanhado de seus frades, todos com velas nas mãos e cantando salmos. Depois de uma breve oração, fez Clara que lhe cortassem o cabelo; e, recebendo o hábito de penitência ao pé do altar, passou a uma casa vizinha, onde se despiu de suas galas e se vestiu de um grosseiro saco, cingido com uma corda. Conduziu-a depois São Francisco à igreja de São Paulo e entregou-a nas mãos das religiosas beneditinas.

Surpreendeu esta ação toda a cidade; e, como Clara não contava então mais que dezoito anos, qualificou-se esta resolução de leviandade ou de um rasgo inconsiderado da juventude. Sobretudo se mostraram muito irritados seus pais e seus parentes, parecendo-lhes que aquela determinação manchava a honra de toda a família. Praticaram todos os meios que puderam para obrigá-la a desistir dela, sem poupar os esforços da violência para arrancá-la de seu asilo; mas nada bastou para dobrar sua constância, porque, agarrando fortemente o altar com uma mão e mostrando na outra seus cabelos cortados aos que pretendiam tirá-la do mosteiro: «Sabei (disse-lhes) que jamais terei outro esposo senão Jesus Cristo, nem vestirei outro traje que este hábito e saial de penitência.» À vista de tão resoluta determinação, afastaram-se os inimigos de seu repouso. Com tudo isso, pareceu a São Francisco que estaria mais segura no mosteiro de Santo Ângelo de Panzo, que era da mesma religião de São Bento.

Ainda não havia estado quinze dias nele quando Inês, irmã mais nova da santa, veio em busca dela para servir a Deus com o mesmo hábito e viver em sua companhia o resto de seus dias. Isto irritou muito mais toda a parentela. Acudiram ao convento doze de seus parentes para tirá-la à força e, depois de outros muitos desmandos que cometeram, arrancaram-na com violência dentre os

próprios braços de sua irmã. Fizeram-lhe em pedaços o hábito, arrastaram-na, deram-lhe coices, encheram-na de injúrias; mas ela protestava que não deixaria de ser monja, ainda que a matassem. Como Clara não podia resistir à força, recorreu a Deus; e, depois de uma breve mas fervorosa oração, sai do convento, corre atrás de sua irmã e, com um prodígio que teve por testemunhas todos os parentes, a fez imóvel. Em vão chamaram por socorro para movê-la, ainda que fosse arrastando-a; não foi possível mexê-la. Aturdiu-os a maravilha; e, vendo que o céu se interessava no negócio, envergonhados de ter feito inutilmente tantos esforços, deixaram-na nas mãos de Clara, que a restituiu como em triunfo ao mosteiro.

Publicou-se este portentoso sucesso e, à vista dele, abriram os olhos todos os que os tinham tão fechados. Mandou São Francisco reparar a igreja de São Damião, que se ia arruinando; e, tendo comprado a casa que estava contígua à mesma igreja, trouxe a ela suas duas filhas. Nesta igreja teve princípio a célebre ordem de religiosas franciscanas, assim como tivera o dos religiosos na igreja da Porciúncula; e tal foi o nascimento daquela ilustre religião de virgens seráficas que, nestes últimos tempos em que tanto ia desmaiando a virtude cristã, ressuscitou aqueles milagres de penitência, de fervor, de inocência e de santidade que são a admiração do universo, fazendo reflorescer a preciosa flor da virgindade, que parecia haver murchado o tempo. Aprovou-a logo o papa Inocêncio III, no mesmo ano de 1212; e no seguinte a confirmou seu sucessor Honório, igualmente III, começando-se desde logo a chamar a religião das clarissas, do nome de sua fundadora Santa Clara, a qual teve a consolação de ver aumentar-se imediatamente seu pequeno rebanho. Sua própria mãe, Hortolana, e Beatriz, a menor de suas irmãs, quiseram ser do número de suas filhas. Outras doze jovens senhoritas abraçaram o novo instituto, que, além do exercício de todas as virtudes, faz profissão de um total desapego e de uma extrema pobreza. Todas fizeram os três votos nas mãos de São Francisco; e todas, a uma voz, elegeram por mãe e superiora sua a Santa Clara. Obedeceu; mas, considerando-se sempre por sua humildade a ínfima de todas, tornava-se-lhe insuportável a carga. Fez incríveis esforços para que a livrassem do cargo. Representou que, crescendo a cada dia o número das monjas, não eram suficientes suas forças nem sua capacidade para o governo de tantas, e que não faltavam religiosas no convento muito capazes e muito dignas daquele cargo. Mas a São Francisco fizeram mais força as razões de todas as demais que as suas; e, por parecer de todas, confirmou-a no ofício de superiora, dando-lhe o nome de abadessa, apesar de sua repugnância.

Considerou Clara a dignidade de seu cargo como novo título ou obrigação de ser mais humilde, mais pobre, mais mortificada e mais fervorosa que todas as irmãs. Não só as servia no refeitório, na enfermaria e em tudo o mais; mas valia-se de sua autoridade de superiora para deixar às outras os ofícios mais fáceis e menos repugnantes, carregando ela só com os mais penosos, mais baixos e mais contrários à própria natureza. Sua virtude favorita era a santa pobreza. Deu disso boas provas desde o princípio de sua conversão, distribuindo entre os pobres todos os bens que herdou por morte de seu pai, sem aplicar a si nem a seu convento um só maravedi. Não só nunca consentiu que seus conventos tivessem fundos nem rendas, mas proibiu severamente que se fizessem neles grandes provisões, querendo que dependessem da caridade dos fiéis. Não gostava de que os frades que saíam a pedir esmola para o convento trouxessem pães inteiros, mas os pedaços e migalhas que sobravam aos que a davam. Escolheu o título de Pobre como o mais honorífico para sua comunidade; e, com efeito, sua religião se intitulou a religião das Senhoras Pobres. O papa Gregório IX, que a venerava muito e desde o princípio de seu pontificado se havia encomendado a

suas orações, desejou que admitisse rendas e até lhas ofereceu para assegurar a subsistência de seus mosteiros; mas ela lhe fez tantas instâncias e lhe alegou tantas razões para que em nada alterasse o primitivo espírito de seu instituto que Sua Santidade desistiu do intento e louvou sua grande confiança na divina Providência. Mostrou Deus quanto lhe agradava esta confiança e este heroico espírito de pobreza. Numa ocasião não havia no convento mais que um pão, e esse muito pequeno; chegou a hora de comer, e a santa ordenou à despenseira que enviasse meio pão aos frades que a serviam e, do outro meio, fizesse cinquenta porções para outras tantas monjas que havia na comunidade. Obedeceu a despenseira, e o pão se multiplicou tão milagrosamente que bastou para que todas as religiosas ficassem satisfeitas. Outros muitos prodígios obrou o Senhor para manifestar quanto velava sobre suas necessidades; de maneira que, com muita razão, foram as clarissas chamadas por muito tempo as monjas da Providência.

Sendo este total desapego das coisas do mundo objeto digno da admiração universal, não se tinha por menos milagre sua assombrosa penitência. Além da exata observância das regras comuns às demais, como andar sempre com os pés descalços, sem tamancos nem sandálias; dormir sobre a dura terra; jejuar todo o ano e muitos dias a pão e água; e não ver nem ser vista de pessoa alguma de fora; fazia outras penitências tão extraordinárias que mal se podem referir sem risco de não ser acreditadas. Tinha dois cilícios de que usava alternadamente: um de crina, que trazia junto à carne, cingido com uma corda de treze nós; o outro era uma pele de porco, cortadas as cerdas bem rente, cujas pontas se lhe metiam na carne, fazendo-a padecer um contínuo e penosíssimo martírio. As duas quaresmas, a da Igreja e a de São Martinho, que acaba no dia de Natal, jejuava-as todas a pão e água, exceto às segundas, quartas e sextas, em que absolutamente nada comia. Por muitos anos não usou outra cama nem outro abrigo nela que a nua terra, com um feixe de sarmentos por cabeceira. Este foi seu leito até poucos anos antes de sua morte, em que, por expresso preceito do bispo de Assis e de São Francisco, se deitou sobre um pouco de palha.

Mas estas excessivas penitências não careciam, na verdade, de muitas consolações. Favorecida de um sublime dom de contemplação, gozava frequentes comunicações com seu Deus, que lhe dava a provar antecipadamente na terra aquelas doçuras espirituais que são como a prova das delícias do céu. Sua oração era sempre fervorosa e, raras vezes sem derramar nela copiosas lágrimas, saía dela toda abrasada nas chamas do divino amor; e suas palavras eram todas fogo, acompanhadas de um atrativo tão eficaz que se fazia dona de todos os corações. Mal lhe davam outro nome que o de a enamorada de Jesus Cristo. «Vivo eu (repetia muitas vezes ao dia), mas não sou eu quem vive; Jesus Cristo vive nesta indigna serva sua.» A devoção que professava à Mãe correspondia em tudo à ternura com que amava o Filho. Nunca se viu devoção mais afetuosa nem mais acesa à Santíssima Virgem.

Por fim, suas excessivas penitências lhe arruinaram a saúde; mas nunca lhe debilitaram o fervor. Não podendo já manter-se sobre seus pés, fazia-se levar diante do Santíssimo Sacramento; e, logo que se punha em sua presença, era arrebatada em êxtase. Estando tão impedida que só tinha livres as mãos, trabalhava para a igreja, fiando a tela para os corporais; e, não obstante seu extremo amor à pobreza, queria que tudo o que havia de servir ao culto divino fosse precioso, magnífico e requintado.

Tendo declarado guerra à Sé Apostólica, o imperador Frederico II assolava com seu exército, cheio de sarracenos, o Estado eclesiástico. Foi sitiada a cidade de Assis e, como o convento estava junto às muralhas, iam já os infiéis forçá-lo. Cheia então a santa de uma vivíssima confiança, fez-se levar à portaria com o Santíssimo Sacramento, dentro de uma caixinha de prata, fechada noutra de marfim. Prostrada ali com todas as suas filhas diante de Jesus Cristo, exclamou: «Senhor, quereis entregar nas mãos dos infiéis estas pobres servas vossas, que não têm outro socorro senão vós e que colocam em vós toda a sua confiança?» Mal pronunciou estas palavras, ouviu-se uma voz que saía como do interior do cibório ou da caixa, e lhe disse: «Não temas, filha minha; eu vos guardarei e vos livrarei sempre de todo insulto.» No mesmo ponto, atemorizados os soldados, precipitaram-se do muro que já haviam escalado, e os inimigos levantaram o sítio.

Um ano antes de sua morte, o cardeal de Óstia, que depois foi papa com o nome de Alexandre IV, noticioso da extremada debilidade a que a haviam reduzido as enfermidades, fez uma viagem de Perúgia a Assis só para vê-la. Depois de uma longa conversação, na qual formou muito maior conceito de sua eminente santidade, parecendo-lhe que estava já no último perigo, quis administrar-lhe por si mesmo o santo viático. Logo que o recebeu, o mesmo aumento de fervor que em semelhante ocasião resplandece sempre em todos os santos a fez recobrar novas forças. No ano seguinte, voltando da França à Itália o papa Inocêncio IV, quis visitar a santa antes de regressar a Roma. Passou por Assis com grande número de cardeais; e, ao chegar à cidade, soube que Santa Clara acabava de receber o viático, administrado pelo provincial dos padres menores. Entrou no convento com quatro cardeais e Sua Santidade lhe estendeu a mão para que a beijasse; mas a santa quis absolutamente beijar-lhe os pés, e foi preciso dar-lhe este piedoso gosto. Pediu depois humildemente a absolvição de seus pecados, mostrando com suas palavras e com suas lágrimas que verdadeiramente se tinha pela maior pecadora que havia sobre a terra. Deu-lhe o papa a bênção apostólica e concedeu-lhe uma indulgência plenária em remissão de seus pecados; dizendo, ao retirar-se, que o mundo ia perder uma das maiores santas que se haviam visto na Igreja.

Quis Clara fazer seu testamento, à imitação de seu pai São Francisco, não já para deixar a suas filhas espirituais os bens temporais que tão de antemão havia renunciado, mas aquele espírito da mais perfeita pobreza que desejava perpetuar em sua religiosa posteridade como herança própria de sua Ordem. Falando-lhe seu confessor, que se chamava frei Reginaldo, sobre o mérito e as utilidades da virtude da paciência: «Ó meu pai (disse a santa), desde que Deus me fez a graça de que me consagrasse toda a seu serviço, nenhum trabalho se me fez penoso, nenhuma penitência difícil, nenhuma enfermidade desagradável. Ai, pai meu (acrescentou), e que coisa tão doce é padecer por amor de Jesus Cristo!» Sua agonia foi propriamente um acesso mais violento do divino amor, e nela se assegura que lhe apareceu Nosso Senhor, acompanhado de grande número de virgens que a convidavam a que fosse celebrar suas bodas com o Esposo celestial; e no mesmo ditoso momento entrou no gozo do Senhor, no dia 11 de agosto de 1253, quase aos 60 anos de sua idade, tendo passado os quarenta e dois na vida religiosa.

Logo que se divulgou a notícia de sua morte, concorreu ao mosteiro toda a cidade; e o próprio papa, que já havia partido, voltou a ela com todos os cardeais para assistir a seu enterro. Começavam os religiosos de São Francisco a cantar o ofício de defuntos de corpo presente quando o papa lhes mandou dizer que antes deviam cantar o ofício das santas virgens; mas o cardeal de

Óstia representou a Sua Santidade que não era razão precipitar as coisas num negócio de tanta importância; e que, não obstante serem tantas e tão visíveis as mostras da santidade daquela virtuosa virgem, sempre seria preciso fazer informações jurídicas da heroicidade de suas virtudes e da verdade de seus milagres antes de decretar-lhe o culto e as honras de santa. O mesmo cardeal pronunciou a oração fúnebre, e o corpo da santa foi conduzido, como em triunfo, ao convento da igreja de São Jorge, aonde também havia sido trasladado o do seráfico pai São Francisco, por considerar-se menos exposta às excursões dos inimigos que a de São Damião. Logo se fez célebre e glorioso seu sepulcro por uma multidão prodigiosa de milagres; e, elevado no ano seguinte à Sé Apostólica o cardeal de Óstia, com o nome de Alexandre IV, canonizou-a com grande solenidade dois anos depois de sua morte, assinalando sua festa não no dia 11 de agosto, em que sucedeu, mas no dia 12, em que o mesmo papa havia pronunciado sua oração fúnebre. Cinco anos depois foi levantado o santo corpo para ser trasladado a outra igreja que se havia edificado em sua honra e com a invocação de seu nome; fazendo-se esta trasladação em presença do papa Clemente IV, que havia sucedido a Urbano IV, sucessor imediato de Alexandre.

Em vida da santa havia-se estendido sua Ordem pela Itália, França e Flandres, sem que ela se movesse de seu convento de São Damião, contentando-se com enviar algumas filhas suas para fundar os conventos de sua santa regra. Esta sagrada Ordem, tão recomendável pela perfeição de seu instituto como respeitável pelo resplendor das virtudes evangélicas que edificam toda a Igreja, dividiu-se depois em muitos e diferentes ramos.

Os que se mantiveram sempre no primitivo espírito do instituto, ou abraçaram depois a reforma de Santa Coleta, conservam o antigo nome de clarissas ou de Senhoras Pobres de Santa Clara. Os que dois anos depois da morte de nossa santa admitiram a dispensa do papa Urbano para poder possuir rendas chamam-se urbanistas. Aqueles que acrescentaram aos estatutos alguns regulamentos particulares dizem-se capuchinhas, outras da Anunciada, outras da Ave-Maria, outras da Conceição, outras recoletas. Todos estes ramos, unidos ao seu tronco, compõem mais de quatro mil conventos e, neles, cerca de cem mil religiosas.

Martirológio Romano

Em Assis, na Úmbria, Santa Clara, virgem, primeira religiosa das Irmãs dos Frades Menores, que, sendo célebre por sua vida e milagres, foi posta no número das santas virgens pelo papa Alexandre IV.

Em Catânia, na Sicília, a festa de Euplo, diácono, do tempo dos imperadores Diocleciano e Maximiano, o qual, tendo sido atormentado longuíssimo tempo pela confissão do Senhor, recebeu por fim a coroa do martírio por meio da degolação.

Em Augsburgo, Santa Hilária, mãe de Santa Afra, mártir, que, velando junto ao sepulcro desta, foi entregue ao fogo no mesmo lugar, pela fé de Jesus Cristo, com suas criadas Digna, Euprépia e Eunômia.

Na dita cidade e no mesmo dia foram também martirizados São Ciríaco, São Largo, São Crescêncio, Santa Ninga, Santa Juliana e outros vinte.

Na Síria, São Macário e São Juliano, mártires.

Em Nicomédia, Santo Aniceto, conde, e seu irmão São Fotino, mártires com outros muitos, sob o imperador Diocleciano.

Em Falerone, na Toscana, o suplício de São Graciliano e de Santa Felicíssima, virgem, a quem esmagaram primeiro as queixadas com pedras pela confissão de Jesus Cristo, e depois lhes cortaram a cabeça, alcançando assim a coroa tão ansiada do martírio.

No mesmo dia, São Porcário, abade do mosteiro de Lérins, e quinhentos monges imolados pelos bárbaros em ódio da fé católica, alcançando assim a coroa do martírio por que tanto suspiravam.

Em Milão, a morte de Santo Eusébio, bispo e confessor.

Em Bréscia, Santo Herculano, bispo.

Em Vernou, perto de Melun, os santos mártires Félix e Felicíssimo.

Em Remiremont, a bem-aventurada Cecília, abadessa.

No monte chamado Santa Valburga, perto de Colônia, a venerável Udevolta, virgem, da Ordem cisterciense.

Entre os gregos, os santos mártires Panfílio e [...].

Missa (oração)

A missa é em honra da santa, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Exaudi nos, Deus salutaris noster, ut, sicut de beatæ Claræ virginis tuæ festivitate gaudemus, ita piæ devotionis erudiamur affectu. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Ouvi-nos, Senhor e Salvador nosso, e fazei que a alegria que sentimos na festividade de vossa bem-aventurada virgem Santa Clara seja acompanhada dos afetos de uma verdadeira devoção. Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é dos capítulos 10 e 11 da segunda de São Paulo aos Coríntios.

2 Coríntios 10,17-18; 11,2

> **Latim:** [17] Qui autem gloriatur, in Domino glorietur. [18] Non enim qui seipsum commendat, ille probatus est : sed quem Deus commendat. [2] æmulor enim vos Dei æmulatione. Despondi enim vos uni viro, virginem castam exhibere Christo.

Português: [17] Aquelle pois, que se gloria, glorie-se no Senhor. [18] Porque não he o que a si mesmo se recommenda, o que he estimavel : mas he sim aquelle, a quem Deos recommenda. [2] porque vos zelo com zelo de Deos. Por quanto eu vos tenho desposado com Christo, para vos apresentar como virgem pura ao unico esposo.

Nota

«Tendo entendido São Paulo, por relação de Tito, seu amado discípulo, que alguns falsos apóstolos, vindos dentre os judeus, procuravam desacreditá-lo em Corinto, para desfazer tudo o que de bom havia feito naquela cidade, considerou-se obrigado a defender-se e a fazer sua apologia nesta segunda epístola. Pinta o que são aqueles falsos doutores e vê-se precisado, para justificar-se, a falar de si mesmo com alguma estima; mas no modo com que o faz manifesta bem quanto isto custava a sua humildade e a sua modéstia.»

Reflexões

Não é estimado aquele que se louva a si mesmo. Não há coisa mais desprezível, nem realmente mais desprezada, que um homem orgulhoso. Poucas paixões há mais loucas. Não se pode viver tão satisfeito de si mesmo, nem tão enamorado de seu imaginário mérito, sem uma visível falta de virtude e até de entendimento, e sem alguma desordem no juízo. Quem imprudentemente se louva, pelo mesmo fato se desacredita; a todo homem de juízo assentado torna-se insuportável esta néscia vaidade. Pode alguma vez importar muito que se saiba que um grande te escreve, que um homem sábio é amigo teu, que outro de distinção te estima; mas sempre é coisa ridícula que isso se saiba por ti. Este vício de louvar-se a si próprio não só é sempre pueril, mas clara marca de pouca cabeça; descobre-se não sei que espécie de puerilidade e de imbecilidade em louvar-se alguém tão grosseiramente. *Dicentes se esse sapientes*, diz o Apóstolo (Rm 1), *stulti facti sunt.* Por

isso quis o Senhor que o orgulhoso encontrasse o castigo no próprio orgulho. Pretende ser estimado e, por isso mesmo, faz-se desprezível. Mas, ao contrário, um baixo conceito de si, um eterno silêncio sobre tudo o que pode granjear-te estima são provas relevantes de um verdadeiro mérito e redundam em muita honra de quem as possui. Certamente não há paixão mais contrária ao fim que se propõe, e até àquele mesmo bem imaginário com que nos lisonjeia, que o orgulho; porque, afinal, intenta sobressair, brilhar, destacar-se sobre os demais. Esforços vãos, frívolos projetos! O orgulhoso busca em tudo a distinção e em tudo encontra a confusão e o desprezo. Fatiga-se por dar uma alta ideia de sua pessoa e só consegue fazer-se a fábula de toda a cidade e o riso da gente de bem. Mas, se ao menos escarmentasse em cabeça própria, haveria algum proveito; mas não há que esperá-lo. O orgulho cega; bem pode ver-se pisado, mas domado nunca se verá. Os ofícios de maior abatimento o irritam, mas não o curam. Coisa estranha! Não há no homem vício que tenha menos fundamento e não há nenhum que lance mais profundas raízes. Quem pode entrar dentro de si mesmo sem encontrar mil coisas que o humilhem? E, entre tantos motivos de humilhação, eleva-se o envaidecimento? Verdadeiramente nada nos deve humilhar mais do que nosso orgulho.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 25 de São Mateus.

Mateus 25,1-13

> **Latim:** 1 Tunc simile erit regnum cælorum decem virginibus : quæ accipientes lampades suas exierunt obviam sponso et sponsæ. 2 Quinque autem ex eis erant fatuæ, et quinque prudentes : 3 sed quinque fatuæ, acceptis lampadibus, non sumpserunt oleum secum : 4 prudentes vero acceperunt oleum in vasis suis cum lampadibus. 5 Moram autem faciente sponso, dormitaverunt omnes et dormierunt. 6 Media autem nocte clamor factus est : Ecce sponsus venit, exite obviam ei. 7 Tunc surrexerunt omnes virgines illæ, et ornaverunt lampades suas. 8 Fatuæ autem sapientibus dixerunt : Date nobis de oleo vestro, quia lampades nostræ extinguuntur. 9 Responderunt prudentes, dicentes : Ne forte non sufficiat nobis, et vobis, ite potius ad vendentes, et emite vobis. 10 Dum autem irent emere, venit sponsus : et quæ paratæ erant, intraverunt cum eo ad nuptias, et clausa est janua. 11 Novissime vero veniunt et reliquæ virgines, dicentes : Domine, domine, aperi nobis. 12 At ille respondens, ait : Amen dico vobis, nescio vos. 13 Vigilate itaque, quia nescitis diem, neque horam.

Português: 1 ENTÃO será semelhante o reino dos ceos a dez virgens: que tomando as suas alampadas, sahirão a receber o esposo e a esposa. 2 Mas cinco de entre ellas erão loucas, e cinco prudentes: 3 as cinco porém que erão loucas, tomando as suas alampadas, não levarão azeite

consigo: [4] mas as prudentes levárão azeite nas suas vasilhas juntamente com as alampadas. [5] E tardando o esposo, começárão a tosquenejar todas, e assim vierão a dormir. [6] Quando á meia noite se ouvio gritar: Eis-ahi vem o esposo, sahi a recebello. [7] Então se levantárão todas aquellas virgens, e preparárão as suas alampadas. [8] E disserão as fatuas ás prudentes: Dai-nos do vosso azeite: porque as nossas alampadas se apagão. [9] Respondêrão as prudentes, dizendo: Para que não succeda talvez faltar-nos elle a nós e a vós, ide antes aos que o vendem, e comprai o que haveis mister. [10] E em quanto ellas forão a comprallo, veio o esposo: e as que estavão apercebidas entrárão com elle a celebrar as vodas, e fechou-se a porta. [11] E por fim vierão tambem as outras virgens, dizendo: Senhor, Senhor, ábre-nos. [12] Mas elle respondendo, lhes disse: Na verdade vos digo que vos não conheço. [13] Vigiai pois, porque não sabeis o dia, nem a hora.

Meditação

Do pequeno número dos que se salvam

Primeiro ponto

Considera que há poucas verdades no cristianismo mais claras e mais solidamente estabelecidas do que esta: «Entrai pela porta estreita (diz-nos o Filho de Deus), porque a que conduz à perdição é larga e espaçosa, e é grande o número dos que entram por ela; mas a que conduz à vida é estreita, e poucos entram por esta porta.» *Pauci sunt qui inveniunt eam.* Noutra parte diz: «Muitos são os chamados, e poucos os escolhidos.» *Pauci vero electi.* O mesmo, e nos próprios termos, torna a repeti-lo outra vez. Como o Salvador repetia tantas vezes a seus discípulos esta terrível verdade, fizeram-lhe numa ocasião esta pergunta: «Senhor, é possível que seja tão pequeno o número dos que se salvam?» O Filho de Deus, para não aterrar demasiado os que lhe perguntavam e os que o ouviam, eludiu a pergunta e contentou-se em dar-lhes esta resposta: «Filhos meus, a porta do céu é estreita; fazei esforços para entrar por ela.» Toda a Escritura está cheia de figuras, provas e exemplos desta espantosa verdade; e basta um bom entendimento para convencer-nos deste pequeno número. Não há mais que um caminho para o céu, porque não há mais que um Evangelho; mas são muitos os que vão por este caminho? São muitos os que seguem as máximas deste Evangelho? Que conceito formaríamos da verdade e da santidade de nossa religião se, depois de tudo o que Jesus Cristo nos disse, depois de tudo o que fizeram os santos, fosse muito grande o número dos escolhidos? Mas serei eu deste pequeno número? Isso se há de julgar pela conformidade de nossa vida com as máximas do Evangelho, que tão mal seguimos. Coisa estranha! Corre a voz de que se perdeu uma nau. Quantos se assustam! Quantos se sobressaltam! Ainda que haja dez mil naus no mar, a notícia de que uma só naufragou faz entrar em cuidado todos os negociantes. Pois quê! Sabemos que de todos os que atualmente vivem no mundo muito poucos arribarão ao porto da salvação eterna e que a maior parte naufragará miseravelmente. Quem me disse que não hei de ser do número destes infelizes? Funda-se a segurança em que não se tem uma vida totalmente perdida e estragada. As virgens néscias a tinham muito pura e, com tudo isso, foram reprovadas. O servo preguiçoso não havia furtado os bens alheios; mas não havia

negociado com os próprios, e foi lançado nas trevas exteriores. Certamente, ainda que não tivéssemos outro motivo para temer senão esta fatal segurança, esta perniciosa insensibilidade com que vivemos, não seria muito bastante para fazer-nos tremer e estremecer sobre nossa futura sorte?

Segundo ponto

Considera que, para salvar-se, há preceitos que obedecer, regras que observar e máximas que seguir. Para salvar-se, é preciso domar as paixões, fazer violência ao natural, resistir à inclinação e ter uma vida pura e mortificada. Os fariseus eram uns homens de exterior muito composto e regrado: seu proceder parecia irrepreensível; faziam longa oração e jejuavam muito. Com tudo isso, segundo o oráculo do próprio Jesus Cristo, se nós não observamos a lei mais exatamente que eles, se nossa virtude não é mais sólida e mais perfeita que a sua, jamais entraremos no céu. Muito é, na verdade, o não vingar-se; ainda é muito mais perdoar as injúrias; com tudo isso, para salvar-se, é preciso fazer alguma coisa mais perfeita e mais heroica; porque é preciso amar aos próprios que nos perseguem, mesmo àqueles que nos maltratam. Não basta condenar as más obras; é preciso olhar com horror até os maus pensamentos. Não só não é lícito reter os bens alheios, mas é preciso socorrer os pobres com os próprios e renunciar com o afeto e com o efeito ao que se possui, por amor de Jesus Cristo. É preciso viver inocente ou penitente; e, se não, esperar sem remédio a condenação eterna. Nenhum cristão se pode dispensar da cristã humildade; sua modéstia há de ser inimiga de todo fausto. Não basta ter abraçado o estado religioso; para salvar-se, há de viver-se necessariamente segundo seu espírito, guardar suas constituições e observar suas regras. Infere de todos estes princípios se serão muitos os que se salvam: «Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todas as tuas forças; e o próximo como a ti mesmo. Este é o primeiro e o maior dos mandamentos, base e fundamento de todos os demais.» Achar-se-ão hoje muitos cristãos, mesmo entre aqueles que fazem profissão de virtude, que guardem verdadeiramente este preceito? Um só pecado mortal nos arrebata num momento todo o mérito da mais santa vida. São muitos os que vivem hoje com inocência? Nenhum há que possa estar seguro de sua penitência. Pois torna a inferir outra vez se serão muitos os que se salvam. A graça final, que é a que propriamente constitui os escolhidos, é um dom gratuito que nunca podemos merecer. Esta graça decisiva de nossa eterna sorte será franqueada com frequência na última hora aos que mal acertaram a obedecer a Deus em toda a sua vida? E posso eu prometer-ma prudentemente, considerando a desordem da minha?

Tudo me aterra, grande Deus, tudo me espanta; mas nem por isso é capaz de diminuir um ponto a confiança que tenho em vossa infinita misericórdia. Estas mesmas reflexões que agora faço por vossa divina graça são provas conclusivas do desejo que tendes de minha eterna salvação. Vou trabalhar seriamente nela, mediante vosso poderoso auxílio; e, por pequeno que seja o número dos que se salvam, confio, meu Deus, que não hei de ser excluído dele.

Jaculatórias

> *Tuus sum ego, salvum me fac.* Sl 118.

Vosso sou, meu Deus; salvai-me.

> “ *Ne projicias me a facie tua, et spiritum sanctum tuum ne auferas a me.* Sl 50.

Não me lanceis fora de vossa presença, Senhor, nem se aparte jamais de mim vossa santa graça.

Propósitos

1. Poucos se salvarão, e é preciso que assim seja. Com efeito, se com tais leis e com tais máximas nos deixasse nossa religião grandes esperanças de salvar-nos, fazendo o contrário do que ela manda e vivendo como ordinariamente se vive, que conceito faríamos dela? Não se reduziria então a uma pura cerimônia? Mas, graças a Deus, a primeira que condena esta oposição enorme é nossa própria religião. Reprova a monstruosa dessemelhança que se encontra entre suas máximas e nossos costumes; condena essa universal desordem e, ainda que seja tão crescido o número dos cristãos covardes e relaxados, não justificará sua covardia nem seu relaxamento. Pequeno é o número dos regrados e dos bons; procura ser deste número. A multidão se perde; pois guarda-te de misturar-te com a multidão. Ainda que toda a tua comunidade, ainda que todos os teus amigos se dispensem da observância das mais santas regras; ainda que fosses tu só quem as observasse, não hesites um ponto em distinguir-te dos demais por esta religiosa pontualidade. Terão-te por um impertinente reformador, por um mudo censor de sua inobservância; não importa; deixa-os dizer; sê fiel e dize-lhes com resolução que, por muito que se faça pela salvação, nunca será demasiado.

2. Hás de ser sumamente exato no cumprimento das mais mínimas obrigações e das observâncias comuns; mas não te hás de contentar só com elas. Mesmo nas comunidades mais observantes é sempre pequeno o número dos fervorosos; aspira ao mesmo fervor e impõe-te uma lei de que te contem entre eles; sem esquecer-te das mais essenciais, pratica com perseverança as de supererrogação. Frequenta os sacramentos; confessa-te muito a miúdo e alimenta-te com o pão dos fortes nesta vida inimiga; conserva inalteravelmente a graça; tem uma extrema delicadeza de consciência; cumpre com pontualidade todos os deveres de teu estado; não te descuides no exercício das boas obras. Faze esmola; sejam todas as tuas orações acompanhadas de espírito e de devoção; professa-a muito terna e muito afetuosa à Santíssima Virgem, persuadido de que esta devoção é um dos sinais menos equívocos de predestinação. Visita com muita frequência o Santíssimo Sacramento e põe nele toda a tua confiança. Não há condição, não há estado em que não se possam fazer todos estes exercícios; e eles são um meio muito seguro para ser contado no pequeno número dos que se salvam.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:51:22 by Admin
Updated 20 November 2026 20:51:22 by Admin